

34.  
**ELEGIA**

NA INFAUSTA, E LAMENTAVEL MORTE  
DO SERENISSIMO SENHOR  
**D. JOSEPH**  
PRINCIPE DO BRAZIL,

RECITADA

NA ACADEMIA  
DE HUMANIDADES DE LISBOA

No dia 5 de Outubro de 1788.

PELO SOCIO

B. M. C. S. T. d. S.



**LISBOA**

Na Officina de **FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO**;

ANNO M. DCC. LXXXVIII.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.*



12  
ELEGIA

NA INFAMIA, E LAMENTAVEL MORTE

DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOSEPH

PRINCIPLE DO BRAZIL,

Frangit fortia corda dolor

.....

A C A D E M I A

*Tibulo*

DE HUMANIDADES DE LISBOA

No dia 7 de Outubro de 1788.

P E L O S O C I O

B. M. C. S. T. d. S.



L I S B O A

Na Officina de FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO,

ANNO M. DCCLXXXVIII.

Com Licença da Real Academia das Sciças de Lisboa, e do

Conseho de Exame, e Censura dos Livros.



# ELEGIA.



QUE fazes debil coração no peito?

Que por meus olhos, por meus olhos tristes

Naõ faes ainda em lagrimas desfeito?

Como constante a tanto mal rezistes?

Ah! que ou debes estar petrificado,

Ou teus damnos ignoras, se inda existes!

Morreo JOZE', JOZE' PRINCIPE amado

Naõ vive já! oh cazo lamentavel!

Digno d' eternamente ser chorado!

Os tenros fios de sua vida amavel

Lhe dessipou a fera Libitina,

Por ley fatal da sorte inexoravel!



( 4 )

Tal cazo, ó Muza, hoje chorar me ensina;  
E entre os espallos de meu triste pranto  
Aos ares solta tua voz divina.

De Cipreste croada, e de Amarantho  
Canta as virtudes, chora a morte escura  
Do Regio Heroe, se acazo podes tanto.

Oh successo fatal! oh pena dura!  
Co no de errante nuvem, sombra leve  
Passou a nossa mais feliz ventura!

Quão pouco, oh Tempo ingrato, se te deve!  
E's nas horas de magoa vagarozo,  
Nos dias de prazer, ligeiro, e breve.

Do Supremo JOZE', Heroe virtuozo,  
Levaste os dias taõ rapidamente,  
Que sonho parecerão fabulozo.

Mas



( 5 )

Mas quem póde viver sempre contente?

Se és, ó Mundo, theatro de mizerias,

Degredo austéro da mundana gente!

São as glorias que dás, glorias aerias:

Triste de quem obtuzo as vai seguindo,

Sem fazer de seu mal idéas serias!

Tu, virtuozo JOZE', no santo Pindo,

Revestido de luz, de Magestade,

De seus fúteis enganos te vás rindo.

Tua alma, centro da maior bondade,

Já mais cega buscou o luzimento

Doutra luz, que não fosse a da verdade.)

Teu puro coração viveo izento,

Dos enganos subtis da vãa Jactancia,

Que torres fórma no ligeiro vento.

\*\*

T. s



(6)

Tinhas nas magoas immortal constancia;  
Eras no bem de flebeis desgraçados,  
Argos segundo, d'alta vigilancia,

Quantos, quantos mortaes atormentados,  
Entre as garras crueis da crua Fome,  
Eraõ livres por ti, e resgatados.

Quantos só c'ò auxilio de teu nome,  
Viaõ raivar, a macilenta Inveja,  
Que aos baixos peitos, com ardor, consome!

Quantos vencião com felis peleja,  
A Ignorancia cruel, pondo contr'ella  
(Portegidos de ti) força sobeja!

Quantos, nascendo em infelis estrella,  
Hiaõ com teu amparo descubrindo,  
Da ventura gentil a Imagem bella!

Ah!



Ah! que inda me parece estar ouvindo,  
Dos mizeros mortais, que portegias,  
A voz da gratidaõ ao ar sobindo!

Eu ouço estas rogativas pias:

„JOZE', caro JOZE', os Ceos supremos,

„ Dilatem, por quem saõ, teus gratos dias.

„ Em ti foccorro, em ti abrigo temos:

„ Es o nosso remedio, o nosso amparo;

„ Sem ti, pobres de nós, o que faremos?

„ Teu puro coração, teu genio raro

„ Poude emendar em nós, com gloria immenia,

„ As Leis iniquas do Destino avaro.

„ Os Ceos te dem a justa recompensa

„ De quanto bem nos fazes; e piedozos

„ Nos dem para servir-te vida extença.



Assim os rogos soão terverozos,  
Desses, que cheios d'immortais affectos  
Tornavas d'infelices, venturozos.

Mas nisto, oh bens do mundo ! oh vaõs projectos !  
Morreste ; porque não consente a sorte,  
Quem alguẽm lhe emmende seus fatais decretos.

Ah quem não temerã teu braço forte !  
Parca infiel, se podes dezumana  
Tanta morte incluir n'uma só morte !

Fazes jactancia do quanto es tirana !  
Tanto soberba, o teu rigor ensaias,  
Em Regio Paço, como em vil choupana.

Nunca nos damnos dos mortais desmaiias,  
Cortas sem ordem, postras igualmente,  
Tenros Pimpolhos, reforçadas Faias.



( 9 )

Porém, cruel, teu braço armipotente,  
Se poudes de JOZE' tirar a vida  
Não tem poder em sua fama ingente.

De seu peito a virtude esclarecida,  
Em quanto nos mortais ouver memoria,  
Sempre será no mundo engrandecida.

Seu grato nome na futura historia,  
Não virá, porque em Marmor soberano,  
Padrões deixasse de brilhante gloria.

Nem porque abrindo do bifronte Jano  
As ferreas portas, no Mavorcio Jogo  
Banhasse as mãos, em rouxo sangue humano;

Nem porque furdo a hum, é outro rogo,  
Sulcando os mares, com fatal ventura,  
Fosse imperios talar, a ferro, e fogo;

Mas



( 10 )

Mas sim porque sua alma terna, e pura,  
D'altas virtudes no exercicio santo,  
Soube escolher estrada mais segura.

Ah! Magestoso Heroe, do mundo espanto  
Tu foubeste deixar Padrões famosos,  
De tua alta bondade, em nosso pranto.

Com suspiros fieis, com ais faudozos,  
Seraõ sempre teus dotes memorados,  
Pelos Povos de LISIA desditozos.

De norte serviraõ teus perdicados,  
Aquelles, que quizerem ser por justos  
No Templo da Memoria, eternizados.

Dos torpes vicios com teus Pés Augustos  
As cervices hodiondas supiavas;  
E á Culpa enchias defunestos Sustos.

A's



( II )

A's bellas artes com prazer te davas ;  
Da estolida Ignorancia o vulto ingrato,  
Com estudo profundo, afugentavas.

Eras docil, benigno, affavel, grato. . . .  
Em fim de teus virtuosos Genitores  
Eras JOZE', o mais fiel retrato.

Com magoa acerba, com pungentes dores,  
Choraõ-te as Ninfas, na floresta umbreza;  
No fundo vale, os Faunos amadores.

O Padre Tejo, em perda taõ penoza,  
Banhando em pranto as faces maceradas,  
A espalhos furde, na corrente undoza.

As Tagides confuzas, descoradas  
Soltando crebos ais, aos surdos ventos,  
Deigrenhaõ as madeixas aneladas.

Tu-



Tudo são penas, tudo são lamentos,  
Funestos Sustos, com audacia rara,  
Nos enchem sempre de crueis tromentos.

Ah! PRINCIPE gentil, ah! quem trocara,  
O teu destino pela sua sorte,  
Que assim de tantos damnos se livrara!

Tu a vida perdeste d'um só corte:  
Nós em cada lembrança, que tenhamos  
De ti, sentimos huma nova morte.

Já mais remedio a tanto mal achamos:  
Se chamamos por ti, da voz cansada  
Sómente os surdos eccos, escutamos.

Tanto sem ti JOZE' nos desagrada  
A noite, imagem da sombria morte,  
Como amanhã de rozas coroada.



Santa Verdade, meu seguro norte;  
Tu que d'hostis Lizonjas acossada,  
Ao campo foges, com temor, da Corte;

Sem arte explica nossa dor pezada;  
Já que sujeita aos numeros do canto,  
Nem sempre plenamente és demonstrada.

Mas ah! triste de mim que em pezar tanto,  
Tá se enrrouquece a Lira sonoroza,  
E a voz fenece soffocada em pranto!

Gente de LISIA, gente de ditoza;  
O vosso choro sempre será justo,  
Em quanto for de perda tão famoza.

Perdestes em JOZE', Principe Augusto,  
Perdestes Pai, perdestes por desdita,  
Dos vossos malles defensor robusto.



Porém se o vosso amor senão limitta,  
Mais deveis amar, gente Luzitana,  
A sua gloria do que a vossa dita.

Sua alma, folta da prizaõ mundana,  
( De fé o cremos, ) lá no Impirio Santo,  
Está gozando da Vizaõ Sob'rana.

JOZE', JOZE' (ah quem podéra tanto! )  
Por hum imperio, aonde he gloria tudo,  
Trocou hum Reino aonde tudo he pranto;

Fez de virtudes, reforçado escudo ;  
Pugnava sempre, de valor armado,  
Contra a Culpa cruel, monstro sanhudo;

D' Angelicos prazeres rodeado,  
Agora a par dos entes gloriozos,  
Logra do bem, que aos impios he vedado.



( 15 )

Brilha mais do que os astros luminosos;  
Tudo conhece já, té não ignora,  
A scena dos futuros portentozos.

Agora, povo Luzitano, agora,  
O quanto fostes de JOZE amado,  
Vereis de vossos males na milhora,

Elle por vós rogando ao Rei Sagrado,  
A cujo Imperio tudo está fugeito,  
Vereis o Povo mais afortunado.

E a Mãe, e Esposa confortando o peito,  
Farà que em breve venha do Ceo jufo,  
Extença Prole de JOAM AUGUSTO,  
Dos dotes seus imitador perfeito.

F I M.





Brilha mais do que os astros luminosos;

Tudo conhece ja, té nas ignora,

A lèua dos futuros portentozos.

Agora, povo Lusitano, agora,

O quanto fostes de JOSE amado,

Vocis de vossos males na milhiora,

Elle por vós rogando ao Rei Sagrado,

A cujo Imperio tudo esta ligado,

Caris o Povo mais afortunado.

E a Mãe, e Espoza confortando o pai,

Para que em breve veja do Céo João,

Extensa Prole de JOAM AUGUSTO,

Des dotes seus imitador perfeito.

BIBLIOTECA  
12  
MAY  
41  
N.º 2885



